

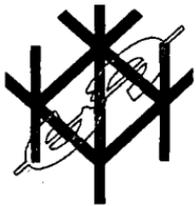
# Diretor denuncia pressão comercial contra o SUS

*Para Gilson Carvalho, sistema é viável se fontes de financiamento forem regularizadas*

HELIANA NOGUEIRA

O Sistema Único de Saúde (SUS) está ameaçado de extinção por interesses de fundo comercial. A denúncia é do diretor do próprio SUS, Gilson Carvalho, que está preocupado com a demora na implantação do sistema e com as propostas apresentadas pelas empresas de medicina de grupo no auge da crise da saúde. "Estão querendo impedir que o sistema seja implantado definitivamente", afirmou ontem em Brasília. "Há interesses comerciais em jogo, no sentido de implantação de seguros privados altamente lucrativos."

Carvalho assegurou que está procurando medidas legais para impedir mudanças



no sistema durante a revisão constitucional. "Estou me preparando contra os inimigos", disse. "A saúde é um princípio básico da Constituição que não pode ser submetido à revisão."

A razão básica que impede a definitiva implantação do SUS, segundo Carvalho, é o financiamento. "As fontes previstas na Constituição acabaram não se realizando do modo previsto", assegurou. "O Finsocial/Cofins seria responsável por 50% do dinheiro da saúde, mas para cada cruzeiro que o governo arrecada, Cr\$ 2,4 são sonegados ou recolhidos em juízo", disse. "Com isso, a saúde perde na mesma proporção, se o Finsocial/Cofins só arrecada 40% do que deveria, a saúde acaba ficando só com 20%."

Para Carvalho, o SUS é viável se a questão do financiamento for resolvida. "Enquanto o mundo inteiro está

evoluindo para tornar a saúde pública, no Brasil, estão pensando em voltar à privatização", disse. "Os EUA, depois de atingir o auge da privatização, perceberam que o sistema privado é incapaz de atender a todos e estão tentando voltar atrás."

Segundo o diretor do SUS, 35 milhões de pessoas no Brasil, ou seja, 23% da população, já são atendidas pelo setor privado. "Mas a grande maioria da população tem uma renda per capita baixíssima e não pode pensar em pagar um seguro privado."

**Riscos** — O ex-presidente do Sindicato dos Médicos do Estado de São Paulo, o deputado estadual Arlindo Chinaglia, também concorda que o SUS corra riscos de acabar sem ter sido implantado. "O presidente reduz o orçamento da saúde e não cumpre os repasses previstos", lembrou

Chinaglia. "E quando o governo diz que é bom que as santas casas vendam planos de saúde, está dando mais um passo para o fim do SUS, porque a prioridade será dada a quem paga, com isso, os mais pobres ficarão mais desassistidos."

O maior risco para que o SUS acabe, segundo Chinaglia, vem da população. "As pessoas sabem que o serviço público não atende bem e acabam procurando outro tipo de atendimento." O presidente do Sindicato dos Médicos, deputado federal Chafic Farhat, não acredita na extinção do SUS. "A iniciativa é o sustentáculo desse País e não representa uma ameaça ao SUS", disse. "Paga quem puder, quanto mais a iniciativa atender, menos encargos terá o SUS, assim, sobrá mais dinheiro para aqueles que não podem custear um plano de saúde."